

O Trump holandês

Nesse grupo selecto e cosmopolita destacava-se um jovem alto, de gestos largos e franja loura que puxava insistentemente para trás. Já lançava tiradas xenófobas e racistas. Chamava-se Geert Wilders.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 29 de Novembro de 2023

Foi nos idos de 1999. Particpei, então, num programa do Departamento de Estado americano chamado “*Young Leaders*”. Reunia gente, entre os 30 e os 40 anos, vinda dos quatro cantos do mundo, e que eles (Departamento de Estado) pensavam que viriam a ser líderes nos seus respectivos países. Era um puro exercício de “*soft power*” em que se visitavam as instituições da democracia americana: do Congresso à Administração, dos *think tanks* às grandes empresas, incluindo a CNN. Podia, ainda, escolher-se uma personalidade que se gostaria de conhecer, geralmente da área de especialidade do próprio, e foi assim que conheci [Kissinger](#). Tudo isto, à mistura com visitas turísticas e espectáculos da Broadway.

Nesse grupo selecto e cosmopolita destacava-se um jovem alto, de gestos largos e franja loura que puxava insistentemente para trás. Tinha uma postura exibicionista, um tom provocador e uma retórica inflamada. Estávamos muito antes do 11 de Setembro e do islamismo radical, mas já lançava, para espanto geral, tiradas xenófobas e racistas. Chamava-se Geert Wilders. Foi aí que o conheci e, de então para cá, se me cruzei com ele uma vez, foi muito. Mas sim, é o mesmo que [ganhou as eleições](#) e se arrisca a ser primeiro-ministro dos Países Baixos.

É um herdeiro ideológico do populismo patrimonial de [Pim Fortuyn](#), mas radicalizado e que protagoniza, hoje, um populismo nacionalista de extrema-direita, cujas bandeiras políticas são o combate contra a imigração, o islão e a Europa. Advoga o fecho das fronteiras e uma política restritiva de imigração e asilo. Considera o Islão uma “religião fascista” e quer proibir o Corão, fechar as escolas islâmicas e banir o véu do espaço público. E, depois do “Brexit”, defende a realização de um referendo vinculativo sobre a saída da União Europeia, isto é, um “Nexit”.

O seu partido foi o mais votado, conseguiu 24% dos votos e 37 lugares dos 150 do parlamento. Wilders está na política desde 1998 e fundou o Partido da Liberdade em 2006. Cresceu eleitoralmente, mas ninguém pensou que pudesse chegar a primeiro-ministro. Ora, aqui chegados, são duas as questões fundamentais: como é que tal aconteceu? E que consequências poderá ter?

Aconteceu por duas ordens de razões. Primeiro, porque se insere numa onda populista transnacional que atravessa a Europa e a América e é consequência de uma globalização desregulada, do descontentamento dos seus perdedores e da crise de representação política, isto é, da incapacidade de os partidos *mainstream* representarem essas populações e responderem aos seus problemas. Segundo, porque os Países Baixos receberam um fluxo descontrolado de trabalhadores imigrantes, requerentes de asilo, estudantes internacionais e refugiados ucranianos, que colocou uma pressão brutal sobre os serviços públicos do Estado social e, em particular, a habitação. Os preços das casas subiram exponencialmente e os refugiados têm prioridade no acesso à habitação. Percebe-se bem porque é que o discurso anti-imigração, que foi o tema central da campanha, teve eco na sociedade. O seu mote era “a Holanda para o povo holandês”.

Menos evidente foi a adesão ao discurso anti-islão. E, por outro lado, a grande maioria rejeita o chamado "Nexit". Dir-se-ia que Wilders recebeu um mandato para limitar a imigração e resolver o problema da habitação, mas não para erradicar o islão ou sair da União Europeia.

Que consequências terá este resultado? Conseguirá Wilders formar governo e tornar-se primeiro-ministro? O sistema holandês é multipartidário, dos mais fragmentários e onde a formação de coligações é mais difícil. Durante a campanha, Wilders moderou o seu discurso e, agora, se quiser fazer uma coligação para governar, terá de sacrificar muito do seu programa mais radical. Certamente, as medidas inconstitucionais contra o islão. E, sobretudo, deixar cair o referendo do "Nexit".

Mas mesmo que o deixe cair, continuará a querer mudar a Europa por dentro. No sentido soberanista. E a passagem do populismo eleitoral para o populismo de governo terá um impacto nacional, como a onda populista terá impacto nas eleições europeias. A Europa poderá ficar mais fragmentada e polarizada no Parlamento, o que terá consequências na composição da Comissão, e mais dividida, entre os Estados-membros, no Conselho. Wilders pode até não chegar a primeiro-ministro, mas a União Europeia deve tirar as lições da onda populista deste resultado que muitos consideraram um "terramoto político". Pode estar em causa o Estado de direito e o projecto europeu.